

Daily Mail, agosto, 2015

ENCONTRADO TREM DE OURO NAZISTA: CONFISSÃO EM LEITO DE MORTE LEVA CAÇADORES DE TESOUROS A LOCALIZAÇÃO SECRETA, ENQUANTO OFICIAIS POLONESES AFIRMAM TER VISTO PROVAS NO RADAR.

Um trem nazista carregado de ouro foi encontrado na Polônia após o homem que ajudou a escondê-lo no fim da Segunda Guerra Mundial revelar sua localização numa confissão em seu leito de morte. Dois homens, um alemão e um polonês, afirmaram na semana passada ter encontrado o trem — supostamente contendo o tesouro — nas proximidades da pequena cidade de Walbrzych, no sudoeste da Polônia.

Piotr Zuchowski, oficial da Conservação e Patrimônio Nacional da Polônia, disse: “Não sabemos o que há dentro do trem. Provavelmente equipamentos militares, mas também joias, obras de arte e documentos de arquivo. Trens blindados deste período eram usados para carregar itens de altíssimo valor, e este é um deles.”

Rumores disseminados pela região afirmam que a Alemanha nazista encomendou que uma enorme malha ferroviária subterrânea contornando o gigantesco castelo de Ksiaz fosse construída para esconder bens valiosos do Terceiro Reich. Prisioneiros dos campos de concentração foram usados na construção dos imensos túneis — que tinham por codinome Riese (Gigante) —, mais tarde empregados como espaço para a produção de armas estratégicas, uma vez que o local ficava protegido dos ataques aéreos dos Aliados.

.....

A história nos conta que o regimento SAS, o Serviço Aéreo Especial Britânico, criado em 1942, foi dissolvido em 1945... Mas um novo livro escrito pelo renomado historiador Damien Lewis revela que, na verdade, uma única e secreta unidade do SAS composta por treze homens continuou em combate. O grupo passou a “atuar nas sombras” a partir do fim da guerra, quando deu início a uma missão não oficial para caçar os criminosos de guerra nazistas.

O objetivo era encontrar não somente os monstros da SS e da Gestapo que assassinaram seus camaradas capturados, mas também as centenas de civis franceses que tentaram ajudá-los. Em 1948, a equipe já havia capturado mais de cem dos piores assassinos da guerra — muitos dos quais haviam escapado de ter de enfrentar a justiça em Nuremberg em 1945 e 1946 — e os levado a julgamento.

Esta minúscula unidade do SAS, apelidada de “os Caçadores Secretos”, era comandada de um quartel-general fantasma baseado no Hyde Park Hotel, em Londres. Fora fundada sem qualquer tipo de registro por um aristocrata russo exilado a serviço do Departamento de Guerra Britânico, o príncipe Yuri Galitzine.

E foram integrantes deste grupo os primeiros a descobrir a total extensão dos campos de extermínio... O campo Natzweiler, próximo a Estrasburgo, fora cenário de experimentos terríveis nas mãos dos nazistas. Foi ali que o comandante Josef Kramer realizou experimentos com a técnica de usar gás para matar os prisioneiros judeus.

.....

BBC, janeiro, 2016

ÖTZI, O HOMEM DO GELO, SOFRIA DE UMA INFECÇÃO BACTERIANA, DIZEM PESQUISADORES

Bactérias extraídas das entranhas de uma múmia de 5.300 anos mostram que ela estava sofrendo de uma infecção bacteriana, segundo descoberta de cientistas. Ötzi, o Homem do Gelo, nome dado ao corpo congelado descoberto nos Alpes em 1991, tinha uma infecção bacteriana comum hoje em dia, disseram os pesquisadores.

Uma análise genética da bactéria — *Helicobacter pylori* — foi realizada, ajudando a traçar o histórico do micro-organismo, intimamente relacionado à história da migração humana.

O professor Albert Zink, chefe do Instituto de Múmias e do Homem do Gelo na Academia Europeia em Bolzano, disse: “Um dos primeiros desafios foi obter amostras do estômago sem causar dano à múmia. Assim, tivemos que descongelá-la por completo para então finalmente conseguir acesso por uma abertura...”

Capítulo 1

16 de outubro de 1942, geleira de Helheim, Groenlândia

O tenente da SS Herman Wirth afastou com a mão os flocos de neve que rodopiavam, obscurecendo sua visão. Obrigou-se a chegar mais perto, de modo que seu rosto e o dela ficassem a uma distância de pouco mais de um palmo. Olhando fixamente através do gelo entre os dois, tomou um susto.

Os olhos da mulher estavam abertos, mesmo em seus espasmos finais. Eram, de fato, azuis como o céu — exatamente como ele sabia que seriam. Mas acabavam aí suas esperanças, de um jeito súbito e inesperado.

O olhar dela penetrava o dele. Enlouquecido. Desanimado. Morto como o de um zumbi. Um par quente de canos de arma fitando-o do bloco translúcido de gelo que a continha.

Por incrível que possa parecer, quando a mulher caíra rumo à morte e acabara sepultada dentro da geleira, estivera chorando lágrimas de sangue. Wirth podia ver o caminho por onde a vermelhidão lodosa e espumosa corria de suas cavidades oculares para acabar congelada e imortalizada.

Forçando-se a interromper o contato visual, ele desviou o olhar mais para baixo, na direção da boca. Uma boca com a qual passara inúmeras noites fantasiando, enquanto tremia com o frio ártico que se infiltrava até mesmo no grosso saco de dormir de penas de ganso em que dormia.

Idealizara mentalmente os lábios dela. Sonhara com eles sem cessar. Eram carnudos, com uma tonalidade esplendidamente ro-

sada e tinha o formato de um beicinho, dizia a si mesmo; a boca de uma perfeita donzela alemã que esperara cinco mil anos para que um beijo a revivesse.

O beijo dele.

Quanto mais olhava, porém, mais sentia uma onda de asco lhe revirar as entranhas. Virou-se e sentiu ânsias de vômito em meio à rajada glacial de vento que fustigava e uivava pela fenda de gelo.

Aquele beijo seria na verdade o beijo da morte; o abraço de uma diaba.

A boca da mulher estava coberta por uma crosta de massa vermelho-escura — um bolo congelado de sangue que se projetava no gelo feito uma mortalha macabra em turbilhão. E, sobre a boca, do nariz também vazava uma enorme onda de fluido carmesim em uma hemorragia horripilante.

Ele baixou o olhar para a esquerda e para a direita, deixando os olhos passearem pela pele congelada e nua dela. Por algum motivo, esta mulher de tempos longínquos arrancara suas roupas antes de rastejar pelo lençol de gelo e tropeçar cegamente para dentro desta fenda que cortava a geleira. Acabara pousando sobre uma prateleira de gelo, congelando completamente em questão de horas.

Perfeitamente preservada... mas longe de ser perfeita.

Wirth mal conseguia acreditar, mas até nas axilas da mulher do gelo havia riscos formados por gotas grossas e longas de fluido vermelho. Antes de morrer — da forma como havia morrido —, aquela suposta deusa nórdica ancestral suara o próprio sangue.

Ele deixou o olhar ir ainda mais para baixo, temendo o que encontraria ali. E não se enganara. Um borrão grosso e congelado de vermelho cercava as partes íntimas da mulher. Mesmo deitada ali, com o coração dando suas últimas batidas, gotas espessas de sangue pútrido fluíram do meio de seus quadris.

Wirth se virou e vomitou.

Lançou o conteúdo de seu estômago através da malha de arame da jaula, vendo o líquido aquoso se esparramar nas sombras bem

lá embaixo. Continuou até não ter mais nada para botar para fora, quando os espasmos secos deram lugar a arfadas curtas, lancinantes e dolorosas.

Então, com as mãos agarrando o arame, endireitou o corpo. Olhou rapidamente para cima, na direção dos holofotes ofuscantes que projetavam uma luz intensa e implacável sobre o obscuro abismo de gelo, refletindo tudo ao redor de Wirth num frenético caleidoscópio de cores congeladas.

A suposta Vár, de Kammler — sua amada princesa nórdica da antiguidade: bem, o general podia ficar com ela todinha para si!

Hans Kammler, general da SS: o que, em nome de Deus, Wirth diria — e mostraria — a ele? O famoso comandante viajara toda aquela distância para testemunhar aquela gloriosa libertação do gelo e a promessa de ressurreição da mulher, de forma que pudesse dar a notícia pessoalmente ao *Führer*.

O sonho de Hitler, finalmente realizado.

E agora isso.

Wirth forçou o olhar de volta para o cadáver. Quanto mais o analisava, mais horrorizado ficava. Era como se o corpo da donzela de gelo estivesse em guerra consigo mesmo; como se houvesse rejeitado as próprias entranhas, expelindo-as por cada orifício. Se havia morrido daquele jeito, com sangue e carne congelando no interior da camada de gelo, devia ter permanecido viva e sangrando por um tempo considerável.

Wirth não acreditava mais que a queda fenda abaixo a tivesse matado. Ou o frio. Teria sido obra de fosse lá qual doença antiga e demoníaca que a tomara para si enquanto ela cambaleava e se arrastava pela geleira.

Mas chorar sangue?

Vomitar sangue?

Transpirar sangue?

Até mesmo urinar sangue?

O que, em nome de Deus, poderia causar isto?

O que, em nome de Deus, a teria matado?

Aquela estava longe de ser a figura materna ariana ancestral pela qual todos estavam esperando. Aquela não era a deusa guerreira nórdica com a qual ele sonhara por incontáveis noites — prova de uma gloriosa linhagem ariana que se estendia por cinco mil anos no passado. Aquela não era a antiga mãe do *Übermensch* nazista: uma mulher nórdica, loura e de olhos azuis, perfeita, resgatada de tempos muito anteriores à história registrada.

Hitler almejava tanto por tal prova.

E agora aquilo: uma diaba.

Estudando as feições torturadas — os olhos vazios, salientes e encrostados, tomados pelo olhar aterrorizante dos zumbis —, Wirth foi acometido por uma conclusão súbita e desesperadora.

De alguma forma, soube que estava olhando através de uma porta para os próprios portões do inferno.

Cambaleou para trás, afastando-se do corpo congelado, erguendo o braço sobre a cabeça e puxando violentamente a corda de sinalização.

— Para cima! Me levem para cima! Para cima! Ativem o guincho!

Acima dele, um motor rugiu, ganhando vida. Wirth sentiu a jaula se mover em guinadas. Ao subir, o bloco de gelo horripilante e ensanguentado se distanciou de sua visão.

O sol da alvorada lançava um rubor tênue sobre a neve remexida pelo vento e pelo gelo enquanto a figura arqueada de Wirth era levada para a superfície. Ele escalou, exausto, para fora da jaula e pisou na branquidão compacta e congelada, as sentinelas de ambos os lados tentando bater os calcanhares à sua passagem. As enormes botas revestidas de pele que usavam provocavam somente uma pancada seca com o movimento, as solas de borracha afundadas numa grossa camada de gelo.

Wirth bateu uma continência desanimada. Sua mente estava perdida em pensamentos torturantes. Apontando os ombros na direção contrária aos ventos uivantes, levantou o casaco grosso

para cobrir suas feições entorpecidas e avançou em direção a uma barraca próxima.

Uma rajada forte de ventania açoitava a fumaça negra para longe da chaminé que se projetava do teto. O forno fora aceso, sem dúvida pronto para um generoso café da manhã.

Wirth presumiu que seus três colegas da SS já estivessem de pé. Levantavam cedo, e como aquele era o dia em que a donzela do gelo seria erguida do túmulo, estariam duplamente ansiosos para encarar a alvorada.

De início, havia dois outros oficiais da SS com ele: o primeiro-tenente Otto Rahn e o general Richard Darre. Então, sem qualquer aviso, o general da SS Hans Kammler aparecera num avião adaptado para o gelo, a fim de testemunhar as etapas finais da épica operação.

Como comandante geral da expedição, era o general Darre quem supostamente dava as ordens, mas todos sabiam que o general Kammler era quem detinha o poder de fato. Kammler era o homem de Hitler. O *Führer* lhe dava ouvidos. E, para falar a verdade, Wirth ficara empolgado com o fato de o general ter vindo pessoalmente testemunhar sua hora de maior triunfo.

Naquele momento, pouco menos de 48 horas antes, as coisas pareciam ir muito bem; o final perfeito para uma missão incrivelmente ambiciosa. Porém, naquela manhã... Bem, Wirth estava com pouco apetite para encarar a alvorada, o café ou os colegas da SS.

Perguntava-se: por que estava ali?

Wirth se estabelecera como estudioso de culturas e religiões antigas, que fora o que chamara a atenção de Himmler e Hitler. Seu número do Partido Nazista lhe fora concedido pelo próprio *Führer* — uma rara honraria. E, em 1936, pudera fundar a *Deutsche Ahnenerbe*, cujo nome significava “Herança dos Ancestrais” e cuja missão era provar que uma mítica população nórdica certa vez dominara o mundo — a raça ariana original.

Dizia a lenda que um povo louro de olhos azuis habitara a Hiperbórea, uma fantástica terra congelada ao norte que por sua

vez sugeria uma localização no Círculo Polar Ártico. Seguiram-se, portanto, expedições para a Finlândia, a Suécia e o Ártico, todas sem revelações grandiosas ou importantes. Mas, quando um grupo de soldados fora enviado à Groenlândia para estabelecer uma estação meteorológica, ouviram relatos instigantes de que uma mulher da antiguidade fora descoberta sepultada no gelo da Groenlândia.

Assim nascera sua atual e fatídica missão.

Em suma, Wirth era um entusiasta da arqueologia e um oportunista. Não era um nazista ferrenho, disso não havia dúvida. Mas como presidente da Deutsche Ahnenerbe, fora forçado a ficar lado a lado com os fanáticos mais sinistros do regime de Hitler — dois dos quais estavam na barraca à sua frente naquele exato instante.

Sabia que aquilo não terminaria bem para ele. Muito fora prometido — em parte, diretamente ao *Führer*. Muitas expectativas majestosas, muitas esperanças e ambições impossíveis dependiam daquele momento.

Mas Wirth vira aquele rosto, e a dama do gelo tinha as feições de um monstro.